

A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA COMO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Adelaide de Souza Brandão¹

RESUMO: *A família como contexto de desenvolvimento para crianças e adolescentes tem um papel fundante na organização social. Como esta instituição está imersa nos contextos social, econômico, político e cultural, tanto influencia quanto é por eles influenciada. O estudo dissertativo do qual faz parte este texto é intitulado “crianças com/sem família”. Ele pretende investigar a questão social da existência de famílias sem condições de prover o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Estas famílias vivem em Mapele, sub-distrito de Simões Filho, Zona Metropolitana de Salvador, Bahia, e estão ligadas ao programa “Famílias Unidas” da Pastoral do Menor que faz parte do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Nordeste III. O foco deste trabalho é o contexto histórico, social, econômico, ecológico e cultural, onde estas famílias vivem e especificamente o brincar e o modo de brincar das crianças, mães como chefes de família e gravidez na adolescência. Do ponto de vista epistemológico tomamos como fio condutor a teoria da complexidade, como área de estudo a psicologia e como subáreas a psicologia do desenvolvimento e a psicologia ecológica. Usamos como metodologia a investigação qualitativa e como procedimentos empregamos o questionário, a observação participante, o acompanhamento de trajetórias de vida e a entrevista semi-estruturada. Esperamos com este trabalho poder demonstrar a importância para a família em situação de risco de uma rede de significações e de uma rede de proteção e solidariedade, para que os contextos de desenvolvimento possam oferecer uma melhor qualidade de vida a estas crianças e adolescentes, compatível com a dignidade da pessoa humana.*

Palavras Chave: Contexto; Desenvolvimento; Família

INTRODUÇÃO

A família hoje continua a desempenhar um papel fundante na organização social, como produtora de cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidade e vínculos relacionais de pertencimento. Nesta dinâmica ela influencia e é influenciada pelo contexto político, econômico e social, no qual está imersa.

Por conta disso a família contemporânea vem sofrendo uma série de mudanças responsáveis por novas e diferentes configurações, em um movimento de organização, desorganização e reorganização (CARVALHO, 2002, p.15).

O estudo em pauta pretende desenvolver a questão de crianças com/sem família, ou seja, o problema social grave da existência de famílias sem condições sócio-econômicas e culturais de prover o desenvolvimento da criança que precisa acontecer em um contexto condizente com a dignidade da pessoa humana.

Em princípio, é pertinente situar os termos com/sem que intitulam o estudo do qual este artigo faz parte, esclarecendo que não há uma antinomia entre eles e sim uma conexão que

¹ Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSal, pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior pela UCSal; Professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Geografia e História e da Faculdade de Pedagogia da UCSal. Orientadora: Elaine Pedreira Rabinovich, Pós-doutora, professora do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal, pesquisadora do Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da USP.

synthesizes the movements of disjunction and conjunction familiar dependent both of cultural and intersubjective factors as well as of macro-structural problems. We can thus represent them graphically.

Figura 1



The proposed title “children with/without family” encompasses an epistemological and methodological question in which one does not intend to proceed by a division of the object, but by inclusion, working it through the connective *e*, instead of the disjunction *ou*.

This concern is present in various studies, having been taken as the center of thought by Morin who, for that, coined the term *complexus* and complexity.

For this author, the question pointed out above refers to the paradigm of knowledge, in which science, starting from Descartes, separated the subject and object, determining the concepts subaltern and prescribing a logical relation: the disjunction.

The paradigm is hidden under logic and selects the logical operations that become at the same time preponderant, pertinent and evident in its domain. It is he who privileges certain logical operations to the detriment of others, such as the disjunction to the detriment of the conjunction. (MORIN, 2002, p.25)

In fact, the use of connective logic, and not disjointive, implies a non-deterministic and non-linear causality. It presupposes, instead, a cyclic relation, without a linear hierarchy, without a level of analysis *e/ou* phenomenon superior to the other. A spiral can be seen as a result of this cyclic movement, without implying the idea of progress.

For the purposes of the present study, it is enough, however, to point out that, to think the object: children with/without family, the circumstance around – the environment – of these children, must be taken into consideration.

For this, we take the concepts of Bronfenbrenner and others.

Thus, the children and families of the present study will be seen inserted in their micro-system – practices of care, domestic environment, parental presence; in their meso-system – neighborhood, day care, school, friends, playmates; in their exo-system – media, community, school system; and in the macro-system – cultural values, socio-economic condition, environmental transformations.

We intend, through this logical-methodological operation, not to prejudice even more those already prejudiced by contexts usually designated as poverty.

Fonseca, a este respeito, assim se expressa: “há uma tendência a ver o comportamento familiar dos pobres como mais determinado pela biologia (apelos instintivos, etc.) enquanto aos ricos é atribuído o privilégio de escolha” (2004, p. 230). Propõe o seguinte quadro, ilustrando o uso de termos com conotações opostas:

Ricos “escolhem”	Pobres “se submetem” à biologia
Maternidade assistida	Controle de natalidade
Produção independente	Mãe solteira
Família recomposta	Família desestruturada

Portanto, é uma questão que, embora tenha sido pesquisada em famílias de extrato social de baixa renda, não está atrelada unicamente à situação financeira da família.

Outro recorte desta questão é a não consideração do sem como um fator negativo e do com como um fator positivo.

Muitos teóricos da psicologia do desenvolvimento comprovam a necessidade do vazio, do não, das frustrações na educação das crianças.

Estas ponderações demonstram que este estudo, até porque tem como foco a família, nem é linear, nem é objetivo. É um estudo complexo desafiante e multifacetado.

Entre os fatores que demarcaram um novo perfil da família atual, podemos citar:

1) a revolução industrial que separou o mundo do trabalho do mundo da família, instituindo a dimensão privada desta;

2) o avanço tecnológico no século XX, notadamente na área da medicina, trouxe uma mudança significativa para a reprodução humana. Nos anos sessenta, em todo o mundo, aparece a pílula anticoncepcional separando a sexualidade da reprodução humana. A maternidade deixou de ser um destino para a mulher e passou a ser uma escolha, o que ampliou as possibilidades de atuação da mesma no mundo social. Isto significou uma verdadeira revolução no mundo feminino e na família. O controle da reprodução, somado à inserção da mulher no mercado de trabalho abalaram os alicerces da família nuclear, tanto na recriação do mundo subjetivo da mulher, que deixa de ser a “rainha do lar”, e passa a ser uma trabalhadora, contribuindo com as despesas da casa;

3) o exame de DNA que permite a identificação da paternidade juntamente com as mudanças, anteriormente citadas, produzem uma tensão no lugar masculino na família, que então continuava preservado nas suas bases patriarcais como provedor de proteção para a mulher e os filhos, e o intermediário entre estes e o mundo fora de casa (SARTI, 2005, p. 194);

4) o movimento feminista que teve seu ápice nos anos oitenta, com as mulheres lutando para terem seus direitos reconhecidos, mais autonomia e mais respeito ao trabalho por elas desenvolvido;

5) no caso do Brasil, a luta pelos direitos das crianças foi marcada pela Constituição Federal (1988), que instituiu o fim da chefia masculina na sociedade conjugal. Os homens já não podiam dispor da vida dos filhos como se fosse uma propriedade deles, além da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, tornando a convivência familiar um direito básico da criança.

Através desta visão panorâmica das mudanças no mundo familiar, nota-se que houve, nas últimas décadas, uma desidealização do modelo simbólico da família nuclear, tão presente no imaginário popular. Vários e diferentes arranjos familiares surgiram desde então, principalmente no universo das famílias menos favorecidas economicamente. Este segmento social foi duramente atingido pelo encolhimento das funções do Estado, ou do término do Estado de bem-estar social, que aqui no Brasil não chegou a ser plenamente posto em prática.

O lugar dos filhos no universo simbólico das famílias de baixa renda e seu contexto de desenvolvimento foram diretamente atingidos por esta mudança, tornando as crianças as maiores vítimas deste *status* nacional, pois estão expostas tanto a violência doméstica, quanto a violência urbana.

Marlene Vaz (2005, p. 03) diz que o Brasil está perdendo o seu futuro para o tráfico de drogas e o tráfico sexual, que, na maioria das vezes, estão unidos.

As famílias de baixa renda, dentro deste contexto, até pelo princípio epigenético que Erikson (1968, p. 25) nos fala, ou seja, o impulso do ser humano para sobreviver, procura de toda forma arranjar meios para criar e educar os filhos incluindo as redes de apoio e solidariedade, constituídas pela família, seus vizinhos e hoje, de maneira mais estruturada, pelas ONGs (Organizações Não Governamentais).

O trabalho infantil é outra faceta deste panorama social: as crianças trabalham em casa, na rua, como mão-de-obra barata e facilmente descartável, quando não viram pedintes e passam a viver perambulando pelos espaços urbanos, simbolicamente tendo como pai a polícia e como mãe a rua.

Outra questão é o crescimento do número de mulheres como chefes de família, principalmente no extrato social focado neste estudo. O companheiro, na maioria das vezes, é ausente na casa, motivado muitas vezes pelo desemprego crescente, ou por doenças como alcoolismo e outras.

Isso acontece por conta de um modelo familiar já cristalizado no inconsciente coletivo das pessoas, onde o homem é quem manda (SCOTT, 1990, p.36).

Nos processos familiares sempre há ocorrência de novos eventos, reconfigurando-se novos arranjos, novos papéis ou posições assumidas pelas pessoas em constantes interações (FERREIRA *et all*, 2004, p. 06).

A FAMÍLIA COMO CONTEXTO DE SOCIALIZAÇÃO

O homem que, na escala animal, é o ser mais imaturo, completa a sua humanidade nos processos de interação familiar. É a família, portanto, o primeiro contexto de socialização do Homem. É também a família o local das primeiras aprendizagens do sistema de valores, da linguagem, do desenvolvimento cognitivo e social (COLL, 1998, p.20).

Entretanto, a família não tem um poder absoluto e definitivo sobre as crianças. Os pais não podem modelar os filhos de acordo com os seus desejos. Em primeiro lugar, por conta das características genéticas (por exemplo, saúde), características de temperamento, etc. Em segundo lugar porque existem outros contextos de desenvolvimento e socialização, como a escola, a comunidade, etc. e por último porque devemos considerar as influências que a família sofre do contexto social, que modifica e condiciona seu funcionamento, como, por exemplo, mudanças na conjuntura sócio-econômica e política da sociedade, tempo e espaço onde a criança se desenvolve, etc. Estas considerações vêm demonstrar mais uma vez que a família é influenciada pela sociedade e ao mesmo tempo a influencia, e também que cada família a partir do contexto que constrói juntamente com as crianças tem as suas especificidades.

De qualquer forma, a família é um contexto de socialização especialmente relevante para a criança, já que durante alguns anos é o único ou o principal local de sobrevivência e interação. Há toda uma rede de significações dentro da família que marca a criança para o resto da vida.

MÃE-PAI-FILHO. A FAMÍLIA COMO SISTEMA

A importância da figura materna no estabelecimento de vínculos e apego ao filho e suas representações sobre o desenvolvimento emocional da criança, na sua estimulação verbal e material e sensibilidade às demandas e necessidades é de grande relevância.

Para a criança, o pai e a mãe são objetos sociais permutáveis na medida em que as experiências que cada um deles lhe proporciona são diferentes.

Enquanto, provavelmente, a mãe pega no filho para cuidar dele, o pai, a maior parte do tempo que passa com o filho, emprega atividades de jogo.

Enquanto as mães tendem a desenvolver jogos verbais e em torno de brinquedos, os pais se ocupam em brincar com os filhos através de atividades físicas.

Os pais discriminam mais as brincadeiras considerando o sexo do filho, enquanto as mães não levam este fato em consideração.

Os pais costumam estereotipar as meninas como delicadas e frágeis e os meninos como fortes e saudáveis (COLL, 1998, p.250).

Todas estas nuances no modo de criar os filhos são de ordem cultural e desempenham um papel muito importante na formação da personalidade da criança.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria do Carmo de (org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995.

COLL, César. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GALLATIN, Judith. **Adolescência e individualidade**. São Paulo: HABRA, 1986.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Medicas, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. Algumas questões sobre família e políticas sociais. In. JACQUET, Christine; COSTA, Livia Fialho (orgs.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p. 193 – 213.

SCOTT, P. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. **Cadernos de pesquisa**, n. 73, p.38-47, 1990.

VAZ, Marlene. **O futuro do Brasil**. In. Jornal A Tarde. Salvador: 15/05/2005. caderno 1, p. 3.